

Invasão de Outridade no campo da holófrase: é possível uma economia?

Invasion of Otherness in the field of holophrasis: is an economy possible?

FLÁVIA DUTRA

RESUMO: Este artigo questiona a orientação da análise na clínica das holófrases e da psicose, tendo em vista a suplementação como um caminho privilegiado. Ele explora alguns problemas e possibilidades desse caminho em uma articulação com outras disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: holófrase - psicose - falo - falo - referência circulante - clínica - suplementação

ABSTRACT: This paper questions the orientation of analysis in the clinic of holophrasis and psychoses with a view to supplementation as a privileged way. It explores some problems and possibilities of this path in an articulation with other disciplines.

KEY-WORDS: holophrasis - psychosis - phallus - circulating reference - clinic – supplementation

Este trabalho tem como norte a direção do tratamento no campo da holófrase,¹ mais especificamente nas psicoses. Considerando – me atrevo a dizer – "instabilidade econômica" (a dificuldade de intercâmbio com o outro que se manifesta no laço social) como um dos maiores obstáculos no tratamento das psicoses, a questão que se impõe é a seguinte: como podemos conceber o manejo dos elementos discursivos presentes? – levando em consideração que não contamos, no campo da holófrase, com a estabilidade do lugar de referência na estrutura. Temos aí uma questão concernente à economia do caso.

¹ Holófrase e intervalo correspondem a uma divisão estabelecida por Eidelsztein, A (2012) em, *Las Estructuras clínicas* a partir de Lacan. Vol. I y II. Buenos Aires: Letra Viva.

O que define a invasão da Outridade?

Proponho o conceito de **invasão de Outridade**: isso se refere à degradação e à proliferação imaginária típicas das psicoses, definidas por Lacan no Seminário 3. Essa degradação é o efeito da redução do Ele ao Tu — ou da invasão do Tu ao Ele — em que se perde a dimensão terceira, a do Outro como lugar e, portanto, não vigora o "Isso fala". **Se o "Isso fala" habilita a imissão de Outridade para o campo do intervalo, o "Tu falas" (consequência da redução do Ele ao Tu) habilita a invasão de Outridade para o campo da holófrase.** O que impede, precisamente, que a legalidade da relação, da função e da distância da cadeia significante se estabeleça. Isso enseja uma série de fenômenos de linguagem.

Pois bem, com o que podemos contar para a direção do tratamento nas psicoses, se não contamos com a estabilidade da referência — com seu lugar na estrutura? Haydée Montesano² propõe o "Isso fala" como o referente do discurso psicanalítico. Na clínica do intervalo, contamos com essa possibilidade como um dado estrutural. No domínio da holófrase, ela não está disponível. Mas, mesmo assim, o "Isso fala" deve servir como referente na direção do tratamento.

Para pensar a questão anterior, recorro ao artifício da bricolagem, conforme Derrida:

O *bricoleur*, diz Lévi-Strauss, é aquele que utiliza os 'meios à mão', isto é, os instrumentos que encontra à sua disposição em torno de si, que já estão ali, que não foram especialmente concebidos para a operação na qual vão servir e à qual procuramos, por tentativas várias, adaptá-los, não hesitando em trocá-los cada vez que isso parece necessário, em experimentar vários ao mesmo tempo, mesmo se sua origem e sua forma são heterogêneas etc.³

É com a liberdade que a bricolagem nos confere que recorro a alguns conceitos — um deles do próprio Derrida, os demais de Bruno Latour e Markus Gabriel — para pensar alguns problemas relativos à clínica neste campo da holófrase. De Derrida, me sirvo da noção de jogo na estrutura. De Bruno Latour, os modos de existência, as redes que armam e o conceito de referência circulante. E de Markus Gabriel, os campos de sentido.

² Montesano, H. (2021). *El texto clínico: Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva. p.210

³ Derrida, J. (2009). A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva. p.416

Jogo

Derrida⁴ chama de jogo, o movimento entre os elementos da estrutura — que não tem centro nem origem. Tal movimento é possibilitado, precisamente, pela ausência de centro que opera como uma função, propiciando, indefinidamente, substituições de signos — segundo Derrida. Essa ideia coincide com a maneira como Lacan define o discurso no *Seminário 3*⁵ — e a nós como presas do jogo da linguagem — incluindo nele atos, gestos, contorções das marionetes que são cativas do jogo, sendo que as primeiras somos nós mesmos.

O que Derrida propõe com o jogo são substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito. Esse campo só permite essas substituições infinitas porque é finito. Ele não corresponde àquele campo imenso e inesgotável — como consta na hipótese clássica — que, por ser grande demais, seria impossível completá-lo — o Real como inefável encontra seu fundamento nessa hipótese. Esse campo finito carece de algo: o centro que regularia o jogo das substituições. O movimento do jogo corresponde à suplementaridade da ausência de centro. O signo que substitui o centro (Derrida o propõe como signo) é sempre colocado como algo a mais, por acréscimo, como um suplemento que ocupa o lugar do centro em sua ausência. É o movimento da significação que implica um incremento permanente, na medida em que supre uma falta de sentido.

O conceito de jogo corresponde à impossibilidade de totalização, estabelecida pela própria natureza do campo. O jogo está em tensão com a história e a presença. É sempre um jogo de ausência e presença.

O problema que encontramos aqui é que o campo da holófrase não obedece à condição de finitude. Então, que jogo é possível, dada a desobediência a essa condição?

Economia

O campo da psicanálise é o de uma articulação entre lógica e economia. E a economia, mais especificamente a economia política, depende da estrutura que funciona como o latente necessário, articulando dois termos diferentes.⁶ Latour ressalta que o estabelecimento de valores surge da não equivalência: "Valorizar é registrar o surgimento de diferenças".⁷ Se os dados produzidos pelas medidas de valor são calculáveis, não é porque se referem a uma matéria quantificável, mas por razões relacionadas ao movimento particular dos *scripts*, do cruzamento de histórias. Para ele, é

⁴ Ibidem

⁵ Lacan, J. (2021). *Seminário. Livro 3*. Versión Blasco, N. y Velez, N. Clase 7/12/55.

⁶ Lacan, J. *Seminário. Livro 14*. Aula 12/04/1967.

⁷ Latour, B. (2019). *Investigação sobre os modos de existência. Uma antropologia dos modernos*. Petrópolis: Editora Vozes. p. 580.

preciso renunciar ao desejo de colocar um grande corpo, ou mente, por trás da organização — refere-se à organização social e econômica — o que equivaleria a passar da organização ao organicismo.

Do ponto de vista clínico, é importante considerar dois planos econômicos:

1. a economia do caso: a maneira pela qual sua evolução pode ser compreendida ou concebida, o que depende integralmente do outro plano;
2. a estrutura que determina a modalidade de intercâmbio do sujeito com o Outro.

Se adotássemos a economia natural⁸ como referência para a economia do caso, afirmaríamos que as psicoses carecem de recursos. E vale lembrar, com Lacan, que "a economia, mesmo a da natureza, é sempre um fato de discurso [...]."⁹

A partir da perspectiva de uma economia política baseada na colocação em jogo entre elementos do campo da significância, articulados pelos valores que se estabelecem em função da língua, da história e da interação social, talvez possamos acessar outros caminhos. Latour propõe a economia como segunda natureza, pois é nela que ocorre

[...] a verdadeira aprendizagem dos fatos, das leis, das necessidades, das obrigações, das materialidades, das forças, dos poderes e dos valores.¹⁰

Tendo em vista que o estabelecimento de valores decorre da não equivalência entre termos, destaco outro obstáculo — além do que já foi apresentado — que se refere à proporcionalidade na dialética dual. A economia — aqui considerada como o intercâmbio entre sujeito/outro —, no eixo dual (a-a'), se estabeleceria em um regime de equivalências, uma correspondência entre dois termos. Exemplo: (considerando a e a' como duas magnitudes)

1. na paranoia, a relação seria inversamente proporcional:

$$a \uparrow \leftrightarrow a' \downarrow$$

2. na esquizofrenia, a relação seria diretamente proporcional:

$$a \uparrow \leftrightarrow a' \uparrow$$

⁸ Noção trabalhada por Eidelsztein, A. no seminário central da APOLa no ano de 2022.

⁹ Lacan, J. *Seminário. Livro 18*. Aula 13/01/71. (Tradução nossa).

¹⁰ Latour, B. (2019). *Op.cit.* p. 510.

As relações, inversamente proporcionais para paranoia e diretamente proporcionais para esquizofrenia, correspondem a:

1. ao caráter opositivo da estrutura discursiva da paranoia; que poderíamos abreviar da seguinte maneira: **CONTRA TU**
2. o suporte subsidiário encontrado por *a* em *a'* na esquizofrenia; que poderíamos abreviar assim: **COMO TU**

O problema é que o intercâmbio entre equivalentes não gera uma nova significação, não gera nenhuma transformação. A significação aqui é remetida a si mesma. E o estabelecimento do valor surge da diferença e não da equivalência.

Estimo que a relação entre esses dois planos econômicos — a economia do caso e os intercâmbios entre o sujeito e o Outro — possa ser ampliada com os instrumentos tomados dos autores citados para esta bricolagem.

Seria surpreendente se a psicanálise não apresentasse uma nova maneira de lidar com a economia da linguagem na psicose [...]¹¹

Modos de existência em rede

A expressão “modos de existência” Latour a tira de Étienne Souriau,¹² que a introduziu na filosofia. O pluralismo dos modos de existência serve a Latour para abandonar completamente a distinção signo/coisa e para "contar além de dois", ou seja, para se libertar da divisão sujeito/objeto. Os modernos teriam exagerado, transformando a oposição sujeito/objeto num fundamento indiscutível, quando ela não deveria ser nada mais do que um modo cômodo de ordenação. Para Lacan, foi Aristóteles que nos levou a entrar nessa ordenação: o conhecedor e o conhecido — finalmente, o conhecimento e o mundo.¹³

Os modos de existência definem seres em transformação. Para existir, um ser deve passar por outro. "Ser enquanto outro", nos termos de Latour, significa ser de outra maneira, explorando outros modos de se alterar, em um curso de descontinuidade e continuidade, diferença e repetição, alteridade e mesmidade. Rede é o modo como essas existências se articulam. Esta teoria nos

¹¹ Lacan. J. (2021). Op.cit. Aula 14/03/56.

¹² Latour, B. (2019). Op.cit.

¹³ Lacan. J. Intervenciones en jornadas. Auto comentario. Intervención en el 6º congreso de la EFP realizado en la Grand Motte. 2/11/1973. Lettres de L'ecole freudienne n.15

permite conceber a sociedade como produto de um movimento de conexões cada vez mais estendidas e mais surpreendentes.

Latour define vários modos de existência: o da lei, da política, da religião, do hábito, da ficção, da técnica etc. Cada modo de existência e seus cruzamentos engendram subjetividades.

Em sua crítica à modernidade, Latour aponta que os modernos se apresentaram como aqueles que acabaram com as superstições e, em seu lugar, colocaram a eficácia das técnicas. Aílton Krenak, líder indígena brasileiro, conta que no Equador, na Colômbia e em algumas regiões dos Andes encontramos lugares onde as montanhas formam casais e até famílias inteiras. Existem pais, mães, filhos, que fazem trocas entre si, trocas afetivas. As pessoas que vivem nesses vales fazem festa para essas montanhas. Eles lhes dão comida e presentes, além de receberem presentes das montanhas. Krenak nos conta essa história e depois se pergunta:

Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?¹⁴

Latour pode respondê-lo com sua leitura do que esteve em curso na modernidade:

[...] os Brancos se apresentaram aos outros como aqueles que “finalmente” estavam em posse (essa é a palavra!) de uma psicologia racional, uma subjetividade nativa, um ego autêntico e não fabricado, que iria poder estender ao conjunto do planeta os benefícios da subjetividade – com o inconsciente como bônus e o medicamento como opcional [...] ¹⁵

Krenak e Latour denunciam duas faces de um mesmo reducionismo, que termina por suprimir as mediações e conexões em rede entre os distintos modos de existência. Em relação a eles, Latour destaca um erro de categoria muito importante — o que acontece quando uma coisa é tomada no lugar de outra: é o caso das redes psicogênicas, tomadas como um "produto do espírito humano". Ou seja: o que os modernos localizam como um produto, uma criação de seus espíritos, é, na realidade, causa de seu psiquismo. E ele não esconde sua estupefação com a falta de conhecimento que os modernos têm de si mesmos, já que eles parecem ignorar completamente a “infraestrutura que os autoriza a possuir um psiquismo”. Em virtude da distinção radical e essencial entre sujeito e objeto, os modernos não conseguem encontrar um lugar onde colocar o efeito das redes

¹⁴ Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras. p. 19

¹⁵ Latour, B. (2019). *Op.cit.* p. 282.

psicogênicas: tudo acontece dentro de suas cabeças. O que Latour denuncia pode ser traduzido nos seguintes termos: os modernos não consideram que o sujeito seja efeito do Outro.

Com o reducionismo dessa dupla, sujeito/objeto, os modos de existência e suas conexões em rede foram ocultados. Essas conexões são frágeis, exigem constante manutenção e caracterizam-se por estabelecerem continuidades a partir de descontinuidades. Poderíamos dizer que os existentes se sustentam por suas articulações.

Referência circulante

A investigação de Latour sobre a referência é epistemológica.¹⁶ Ele a descreve como uma forma de manter algo constante ao longo de uma série de transformações, e não como uma forma de obter uma garantia externa e material da verdade de uma proposição. A referência circula por meio de uma sucessão constante de substituições — razão pela qual é definida como circulante. A referência não aponta para uma ponte entre dois marcos estáveis, nem designa um referente externo à cadeia, tampouco designa a *adaequatio rei et intellectus*,¹⁷ mas visa, sim, a qualidade da cadeia de transformações e a circulação da referência em toda a extensão dessa cadeia.

Latour traz o seguinte exemplo: o fermento de ácido láctico cultivado no laboratório que Pasteur tinha em Lille, em 1858, não é o mesmo que o resíduo de uma fermentação alcoólica produzido no laboratório de Munique onde Liebig trabalhou em 1852, porque não foram feitos com os mesmos elementos, não provêm dos mesmos atores ou dos mesmos instrumentos. Então a coisa, em si, onde está? Está na lista de elementos que a compõem: Pasteur não é Liebig, Lille não é Munique, o ano de 1852 não é o ano de 1858, ser semeado em um meio de cultura não é o mesmo que ser um resíduo de um processo químico, e assim por diante. Que a coisa mesma seja essa lista, ou seu resultado, parece estranho para quem acredita que:

[...] a coisa se encontra em uma extremidade da corda esperando para ser usada como um solo de rocha viva para a referência. Se a referência é o que circula ao longo da série completa, qualquer alteração que possa ocorrer na cadeia, mesmo que seja apenas em um elemento da série, provocará mudanças na referência.¹⁸

O que Latour demonstra com Pasteur é que passamos de uma série de atributos para uma substância. O fermento, que havia começado como um conjunto de atributos, acabou se tornando

¹⁶ Latour, B. (2021). *La esperanza de Pandora: ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Barcelona: Gedisa Editorial.

¹⁷ Frase de Santo Tomás de Aquino: “*Veritas est adaequatio rei et intellectus*.”

¹⁸ Latour, B. (2021). Op.cit. p.193 (Tradução nossa)

uma substância, uma coisa com limites claros e um nome. E assim, Latour define a substância como aquilo que reúne uma multiplicidade de agentes e faz deles um todo coerente e estável. Entretanto, essa estabilidade não é permanente.

Uma substância é mais parecida com o fio que mantém unidas as pérolas de um colar do que com a rocha viva que permanece inalterada, sem importar o que seja construído sobre ela.¹⁹

Um fato é construído por meio de um trabalho de tradução, transformações e mediações constantes, que é o trabalho da referência circulante. A substância resulta desse trabalho.

O que acontece é que o ponto de vista canônico entre os dois polos —o mundo, que corresponderia ao polo material, e a linguagem, que corresponderia ao polo formal— apaga todas as mediações da referência circulante. Um dos extremos atua como referente, a coisa, e o outro como enunciado, seu significado, e os dois extremos — de acordo com esse ponto de vista — são tomados pela totalidade da cadeia. Como se quiséssemos conhecer a correspondência entre uma lâmpada e um interruptor prescindindo do cabo que os une. O que Latour propõe é que o sujeito e o objeto são consequências da extensão das cadeias, seus produtos, e não sua causa.

O que nos interessa enfatizar em relação à referência é o seu caráter circulante e a estabilidade que advém dessa itinerância. Estamos familiarizados com a ideia de circulação. A concepção de referência circulante tem uma semelhança com a função do falo — que tem um papel econômico prevalente, de referência e circulação — no campo da psicanálise.

A significação do falo [...] tem um sentido preciso na economia do significante[...]²⁰

O falo funciona como uma referência que organiza a perspectiva da realidade, bem como um tipo de operador que permite o estabelecimento de um sentido compartilhado e vinculante, possibilitando, assim, certa estabilização do senso comum. Deus, por exemplo, já esteve nesse lugar. No lugar de um sentido compartilhado e vinculante, organizador, estabilizador do senso comum. O deus de Schreber fracassa nessa função devido à perda do "ele", do lugar do Outro. Deus, ELE, torna-se TU: parceiro erótico e companheiro de armas!

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 563

O falo, em sua função referencial, designa um lugar na estrutura que permite que o sujeito se localize em um campo de sentido — logo mais trataremos desse conceito — e, ao mesmo tempo, sanciona a leitura desse campo pela função de valoração que ele habilita.

Lacan se refere à função circulante do falo recorrendo ao exemplo das estruturas elementares de parentesco em que a mulher é o que circula. A condição para o "falo onipotente" circular é que a mulher o represente. Ou seja: a representação é necessária para que a função fálica circule. Ainda podemos dizê-lo de outra forma: um correspondente imaginário da significação fálica é necessário para a função circulante operar.

Na economia da neurose obsessiva, por sua vez, essa referência pode se fixar. Por exemplo, no Homem dos Ratos, o rato é um equivalente permanente: tantos ratos — tantos florins, para qualquer pagamento.

Campos de sentido

Esse é um conceito de Markus Gabriel que surge no marco do novo realismo.²¹ Os campos de sentido substituem a noção de mundo. Para o novo realismo o mundo, como conjunto de tudo o que há, não existe.²² Markus Gabriel afirma não apenas que o mundo não existe, mas também que, com exceção do mundo, tudo o mais existe.

Para esse autor, tanto uma cosmovisão científica quanto uma religiosa estão equivocadas enquanto visões de mundo, na medida em que não pode haver uma teoria do mundo ou uma teoria do todo, porque o mundo, ou o todo, não é nem pode ser objeto de uma representação. Seria como tentar tirar uma foto de tudo, incluindo a máquina fotográfica. Portanto, não há necessidade de escolher entre uma ou outra, uma cosmovisão científica ou religiosa.

Uma concepção de mundo, seja ela qual for, é imaginária. Lacan vai na mesma direção ao afirmar, acerca do mundo concebido como um todo, que ele permanece sendo uma concepção, uma visão, uma captação imaginária.²³ E acrescenta: uma concepção de mundo deve ser para nós, analistas, o mais cômico que há.

Existência e campos de sentido se definem um em relação ao outro. Os campos de sentido são lugares onde algo se manifesta. E a existência é a circunstância de que algo se manifeste em um campo de sentido.

²¹ Movimento filosófico que se propõe a responder alguns problemas da pós-modernidade.

²² Gabriel, M. (2016). *O sentido da existência*. Apresentação por Maurizio Ferraris. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p.

25

²³ Lacan, J. *Seminário Livro 20*. Aula 16/01/73

O conceito de campos de sentido responde ao problema da lógica moderna, de ter fundido o conceito de campos de objetos com o conceito de conjunto. Contudo, nem todos os campos correspondem a conjuntos de objetos contáveis e matematicamente descritíveis; como, por exemplo, as obras de arte ou os sentimentos complexos, tal como exemplificado por M. Gabriel. Nem todos os campos nos quais algo se manifesta são campos de objetos. Portanto, o conceito mais geral e mais amplo é o de campos de sentido. Esses são campos nos quais algo se manifesta de uma determinada maneira. Assim, temos que dois campos de sentido podem se referir aos mesmos objetos, que apenas se manifestam de forma diferente em campos de sentido distintos. Nessa perspectiva, um delírio religioso pode ser considerado uma manifestação diferente dependendo do campo em que se apresente, seja em um hospital psiquiátrico ou em uma comunidade religiosa, por exemplo. Isso significa que: um delírio, localizado em um determinado campo de sentido, pode não ser um delírio, pode até fazer laço social.

E para que serve essa bricolagem?

Em que, a importação dos conceitos de referência circulante e campos de sentido contribui para a clínica da holófrase? Podemos estabelecer, com mais clareza, questões relativas à técnica na clínica da holófrase?

A clínica da holófrase está envolta em mistério. O mistério a que me refiro é, em grande parte, consequência da ausência de uma chave de interpretação. O misterioso se estabelece como o estado comum resultante de uma técnica centrada na experiência — técnica cuja chave de interpretação permanece velada ou desconhecida! A consagração do mistério pode ser verificada no jargão laciano acerca do manejo clínico das psicoses, — dito uma única vez, como crítica, por Lacan²⁴ e repetido, inúmeras vezes, como técnica — sobre o analista colocar-se como secretário do alienado. Secretariar o alienado, na ausência de recursos para lidar com as psicoses, sobrevive como uma espécie de ferramenta técnica que significa, mais ou menos, o seguinte: escutar, tomar notas, não discordar — afinal, é a lente pela qual o alienado vê o mundo — e, sobretudo: não intervir! A clínica da holófrase faz parte de nosso cotidiano como analistas, tanto pior se não a levarmos em conta.

Em primeiro lugar, convém lembrar com Lacan no Seminário 7 que, ao psicótico:

²⁴ Lacan. J. (2021). Op.cit. Clase 17. 25/04/1956.

[...] falta algo, para o qual seu esforço de suplementação, de significação, tende desesperadamente.²⁵

O esforço de suplementação se aplica tanto aos fenômenos elementares quanto à direção do tratamento, que também é de suplementação.

A função suplementar nas psicoses corresponde a uma tentativa de estabelecer certa continuidade na descontinuidade e vice-versa, alguma descontinuidade na continuidade. A manobra do analista seria ordenar os elementos em jogo. Para isso, teríamos que escolher uma chave de interpretação. Se as psicoses forem consideradas como um excesso — um excesso de gozo —, a resposta será uma medida: **menos**; e não um modo: **como**. Daí a importância de se estabelecer a chave de interpretação.

Considerando que os modos de existência, descritos por Latour, são produtores do psiquismo, eles poderiam servir à suplementação. Destaco, entre eles, aqueles que estão mais obviamente articulados aos desafios desta clínica. A saber: os seres de ficção e o hábito. Não devemos entender os seres de ficção como um produto da imaginação, ou algo ilusório, ou falso; mas o que é fabricado, o que é consistente — que Latour chama de real.²⁶ Se os seres de ficção são produtores de sujeitos, podemos concluir que "somos filhos de nossas obras."²⁷ Somos produzidos pelo que produzimos. Daí a importância da interface com as artes, a leitura, a escrita, qualquer tipo de ficção, para as psicoses. O mundo, para Latour, consiste no duplo envio da ficção e da referência. Não há nenhum outro, nem aqui nem lá.

O hábito, também, é outro modo de existência. O santo padroeiro das estradas, caminhos e trilhas — nos termos de Latour.²⁸ Nos de Proust, figura como uma arrumadeira hábil e morosa:

[...] passava noites de muito sofrimento, enquanto eu estava estendido na cama, os olhos erguidos, o ouvido ansioso, as narinas rebeldes, coração palpitante: até que o hábito houvesse mudado a cor das cortinas, fizesse cair a pêndula, derramasse piedade no espelho oblíquo e mau, dissimulasse, se não expulsasse por completo, o cheiro do patchuli e diminuísse sensivelmente a altura aparente do teto. O hábito! arrumadeira hábil mas bastante morosa e que principia por deixar sofrer nosso espírito durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, a gente se sente bem feliz ao encontrá-la, pois sem o hábito e reduzido a seus

²⁵ Lacan, J. *Seminário Livro 7*. Classe 16/12/59. (Tradução nossa).

²⁶ Latour, B. (2019). Op.cit. p. 324.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

próprios meios, seria nosso espírito impotente para tornar habitável qualquer aposento [...]”²⁹

E, em que o hábito pode nos interessar? Acredito que o hábito é um instrumento de suplementação que atua sobre as discontinuidades. Sem o hábito, sempre enfrentaríamos discontinuidades; de fato, elas não são esquecidas, mas momentaneamente omitidas. O hábito estabelece continuidades. É o que torna possível um *ethos*.

O hábito é o que torna viável que eu abra a porta desta sala na confiança de que, ao abri-la, encontrarei a rua e não um buraco negro do outro lado da porta. É o que me permite pisar, do outro lado da porta, sem sequer olhar para o chão. Essa verificação — se o chão está lá — é dispensável pelo hábito. Algo impensável para Funes, o memorioso³⁰ — que jamais esquecia as conexões entre todas as coisas e eventos. Nas psicoses, muitas vezes, como no caso de Funes, não há tal omissão. Ou seja, o hábito não é estabelecido.

O delírio, por exemplo, que é uma das tentativas mais chamativas de suplementação e significação, transforma a contingência em necessidade. Dando sentido e direção ao que é pura lacuna, transformando discontinuidades em continuidades e vice-versa.

Essa noção do hábito foi muito depreciada. Entre os analistas, era associada à pulsão de morte em oposição à iniciativa, autonomia, liberdade e invenção, vigentes sob a competência das pulsões de vida.

Como vimos, os modernos destroem as mediações, as conexões entre os modos de existência e suas redes. Sem a noção de rede, caímos na de domínio. O domínio da natureza, o domínio da cultura, o domínio público e o privado, o interno e o externo, o domínio do corpo e o da mente, o domínio da religião e o domínio da ciência. E assim seguimos, com domínios desconectados. Melhor dito: domínios que ignoram ou esquecem suas conexões. Quanto ao que nos interessa: com as mediações ignoradas, as psicoses ficam reduzidas ao domínio exclusivo dos psicotrópicos e das internações psiquiátricas.

Se considerarmos — como propõe Lacan — que nas psicoses, em função de um determinado chamado ao qual o sujeito não pode responder, se produz uma proliferação imaginária de modos de ser que se realizam em diversas relações com o outro — com minúscula —, como podemos ignorar, na direção do tratamento das psicoses, essa tendência, essa espécie de resposta habilitada pela estrutura? Não poderíamos esperar que essa proliferação pudesse se tornar, por exemplo, um meio

²⁹ Proust, M. (1992). Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ediouro.

³⁰ Borges, J.L. (1998). Funes, o memorioso. In *Obras Completas. Vol. I*. São Paulo: editora Globo.

de trabalhar a suplência da referência fálica, levando em conta o duplo envio da referência à ficção e vice-versa?

Temos aí, no restabelecimento dessas conexões de rede, a indicação de uma pista para o manejo clínico. Se há uma economia possível, ela está no intercâmbio entre modos de existência; está na construção, reconstrução ou reparo das redes, das articulações entre esses modos de existência.

De acordo com o que trabalhamos até agora podemos propor, como direção de tratamento nas psicoses, **a suplementação e a articulação**. A direção da suplementação e da articulação nos coloca diante de uma manobra equivalente à manobra teórica da bricolagem, à qual recorri ao longo deste trabalho.

E para concluir: Latour com Aristóteles. É uma citação de Latour, carregada do pensamento aristotélico:

Se a história não tiver outro efeito a não ser ativar uma potencialidade — ou seja, transformar em efeito o que já estava lá no seio da própria causa —, então, seja qual for o malabarismo que as associações possam fazer, nada acontecerá ou, pelo menos, nada de novo será produzido, uma vez que o efeito já estava oculto na causa, como uma potência.³¹

Deveríamos nos abster de explicar os sintomas, os fenômenos elementares das psicoses, por sua causa. De fato, recorrer ao argumento da causalidade inviabilizaria a clínica da psicose; já teríamos previsto o que alcançaríamos, como efeito, nos casos de forclusão de um significante tão fundamental. Pretende-se não tomar a estrutura como destino e limite; e deixar aberto o que pode ser alcançado pelo jogo entre seus elementos. Por mais restrito que esse jogo possa ser, não sabemos de antemão quais movimentos podem advir de suas partidas.

³¹ Latour, B. (2021). Op.cit. p. 196 (Tradução nossa)

BIBLIOGRAFIA

1. Baltar, Ernesto. El nuevo realismo de Markus Gabriel. Ensayo. ADU.
2. Derrida, J. (2009). A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
3. Eidelsztein, A (2012). *Las Estructuras clínicas* a partir de Lacan. Vol. I y II. Buenos Aires: Letra Viva.
4. Gabriel, M. (2016). *Por que o mundo não existe*. Petrópolis: Vozes.
5. Gabriel, M. (2016). *O sentido da existência. Para um novo realismo ontológico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
6. Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras.
7. Lacan, J. (2021). *Seminario. Libro 3. Las Psicosis*. Versión Blasco, N. y Velez, N.
8. Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
9. Latour, B. (2019). *Investigação sobre os modos de existência. Uma antropologia dos modernos*. Petrópolis: Editora Vozes.
10. Latour, B. (2021). *La esperanza de Pandora: ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Barcelona: Gedisa editorial.
11. Montesano, H. (2021). *El texto-clínico: Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva.

Flávia Dutra

Psicanalista sócia de APOLa

fgdutr@gmail.com